

SIM, EU POSSO: A CAMINHADA DO MST RUMO À ERRADICAÇÃO DO ANALFABETISMO EM ÁREAS DA REFORMA AGRÁRIA¹

Ana Maria Baldo²
Elisete Enir Bernardi Garcia³

Resumo

O presente artigo aborda temáticas de grande relevância na busca pela erradicação do analfabetismo no Brasil e apresenta uma análise da implementação do Projeto de Alfabetização de Jovens e Adultos “*Sim, eu posso*”, promovido pelo Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais Sem Terra – MST, na região Nordeste do Brasil. Para tal, buscamos situar a realidade do analfabetismo no Brasil e compreender o funcionamento do método cubano *Yo, sí puedo* que inspirou o Projeto do MST. Com mais de 2 mil escolas públicas criadas e mais de 200 mil pessoas alfabetizadas, o MST demonstra a viabilidade de superação das desigualdades no acesso à educação no Brasil e afirma as possibilidades de utilização de um Projeto que se mostrou extremamente eficaz no processo de alfabetização de adultos.

Palavras-chave: MST; Educação de Jovens e Adultos; Sim, eu posso; analfabetismo.

YO, SÍ PUEDO: EL CAMINO DEL MST HACIA LA ERRADICACIÓN DE LA ALFABETIZACIÓN EN ÁREAS DE REFORMA AGRARIA.

Resumen

Este artículo aborda temas de gran relevancia en la búsqueda de la erradicación del analfabetismo en Brasil y presenta un análisis de la implementación del Proyecto de Alfabetización de Jóvenes y Adultos “*Sí, yo puedo*”, promovido por el Movimiento de Trabajadores Rurales Sin Tierra - MST, en la región Nordeste de Brasil. Para ello, buscamos situar la realidad del analfabetismo en Brasil y entender cómo funciona el método cubano *Yo, sí puedo* que inspiró el Proyecto MST. Con más de 2.000 escuelas públicas creadas y más de 200.000 alfabetizados, el MST demuestra la viabilidad de superar las desigualdades en el acceso a la educación en Brasil y afirma las posibilidades de utilizar un Proyecto que ha demostrado ser extremadamente eficaz en el proceso de alfabetización de adultos.

Palabras llave: MST; Educación de jóvenes y adultos; Sí, yo puedo; analfabetismo.

YES, I CAN: THE MST'S WALK TOWARD THE ERADICATION OF LITERACY IN AGRICULTURAL REFORM AREAS.

Abstract

This article addresses topics of great relevance in the quest for the eradication of illiteracy in Brazil and presents an analysis of the implementation of the Youth and Adult Literacy Project “*Yes, I can*”, promoted by the Landless Rural Workers and Workers Movement – MST, in the Northeast region of Brazil. To this end, we seek to situate the reality of illiteracy in Brazil and understand how the Cuban method works, *Yo, sí puedo* that inspired the MST Project. With more than 2,000 public schools created and more than 200,000 literate people, the MST demonstrates the feasibility of overcoming inequalities in access to education in Brazil and affirms the possibilities of using a Project that has proved extremely effective in the literacy process of adults.

Keywords: MST; Youth and Adult Education; Yes, I Can; illiteracy.

¹ Artigo recebido em 13/07/2021. Primeira avaliação em 17/08/2021. Segunda avaliação em 01/09/2021. Aprovado em 18/09/2021. Publicado em 11/11/2021.

DOI: <https://doi.org/10.22409/tn.v19i40.50824>

² Mestranda em Educação pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS, Brasil.

Email; ana-baldo@uergs.edu.br; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7973-1345>;

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0986510869788014>.

³ Doutora em Educação pela Universidade do Vale dos Sinos – UNISINOS. Brasil. Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. E-mail elisete.bernardi@gmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1211-3059>; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4530306021074100>.

Introdução

Se, na verdade, não estou no mundo para simplesmente a ele me adaptar, mas para transformá-lo; se não é possível mudá-lo sem um certo sonho ou projeto de mundo, devo usar toda possibilidade que tenha para não apenas falar de minha utopia, mas participar de práticas com ela coerentes.
(Paulo Freire)

Este artigo tem por objetivo compreender de que forma o Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais Sem Terra - MST implementou o Projeto de Alfabetização de Jovens e Adultos *Sim, eu posso* - SEP, na região Nordeste do Brasil. Para tal, buscamos analisar os dados que retratam a realidade do analfabetismo no Brasil e compreender o funcionamento do método ou programa de alfabetização cubano *Yo, sí puedo*, que inspirou o Projeto implementado pelo MST.

Embasamo-nos nos seguintes questionamentos: De que modo ocorreu a implementação do Projeto de Alfabetização de Jovens e Adultos *Sim, eu posso* pelo MST? De onde veio a inspiração para o Projeto? Quais os resultados alcançados pelo MST com a aplicação do Projeto?

A abordagem metodológica adotada foi a pesquisa bibliográfica e documental, a partir de leitura e análise de publicações existentes sobre o tema, assim como pesquisa eletrônica em sites e homepages relacionados à temática. Utilizamos para isso, de maneira basilar, o site oficial do MST – mst.org.br.

Definidas as questões que nos guiarão e a metodologia que utilizaríamos, iniciamos nossa escrita analisando a situação atual do analfabetismo no Brasil, de acordo com os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua Educação de 2019, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, divulgada em julho de 2020, com destaque para os dados da Região Nordeste brasileira. Em um segundo momento, abordamos o método cubano de alfabetização de jovens e adultos *Yo, sí puedo*, buscando conhecer um pouco de sua história e metodologia para entender de que modo o MST organizou seu Projeto de Alfabetização de Jovens e Adultos em áreas da Reforma Agrária no Brasil. Em um terceiro momento, nos debruçamos sobre o Projeto *Sim, eu posso*, elaborado pelo MST, inspirado no método cubano, analisando sua implementação e os

principais resultados obtidos pelo Movimento. Por fim, buscamos conhecer os resultados obtidos pelo MST durante o período de aplicação do Projeto, que se iniciou no ano de 2015 e segue alfabetizando pessoas até hoje no país.

Analfabetismo no Brasil: ainda uma realidade

A população do campo, historicamente, teve seu acesso à educação negligenciado pelas entidades governamentais responsáveis; por muitos anos os camponeses e camponesas não tiveram seu direito à educação respeitado, e muitas vezes foram até mesmo privados desse direito. Muitos trabalhadores rurais precisaram abandonar a escola para trabalhar no campo e alguns sequer chegaram a frequentá-la.

Paludeto nos diz que, por muitos anos, aqueles que tiveram a oportunidade de estudar eram matriculados em classes multisseriadas ou dispostos à nuclearização escolar (agrupamento de escolas e/ou salas de aulas fechadas e/ou desativadas em um mesmo local), com escolas distantes de suas residências ou mesmo localizadas em áreas urbanas. “Estes modelos de escola impactaram e continuam impactando sensivelmente a vida cultural, identitária, organizacional, bem como o trabalho e a produção dos povos que vivem no campo” (PALUDETO, 2018, p. 106).

Outro ponto significativo, e que consideramos relevante observar, é a questão da *invisibilidade* a que os trabalhadores e trabalhadoras do campo foram e seguem sendo submetidos. Bernardi e Duarte (2016) afirmam que essa *invisibilidade* se dá tanto pela forma como as Escolas do Campo são tratadas pelo poder público, como pela academia, que não raramente as ignora em seus currículos e discussões. Para as autoras, esse processo de *invisibilização* acaba por trazer consequências negativas para essa população. De acordo com os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua Educação de 2019, estima-se que 11 milhões de brasileiros e brasileiras com mais de 15 anos ainda são analfabetos⁴. De acordo com a pesquisa, desses 11 milhões de pessoas analfabetas, 6,2 milhões ou

⁴ De acordo com o IBGE a taxa de analfabetismo é o percentual de pessoas de determinada faixa etária que não sabem ler e escrever um recado ou bilhete simples, no idioma que conhecem, no total populacional dessa mesma faixa etária, em determinado espaço geográfico e ano considerado (IBGE, 2020).

56,2% (mais da metade) vivem na região Nordeste do país. O Nordeste também possui a maior taxa de crescimento do analfabetismo, que teve aumento de 13,87% em 2018 para 13,90% em 2019. Nas demais regiões as taxas eram: 7,60% no Norte; 4,90% no Centro Oeste; 3,30% no Sudeste; 3,30% no Sul (IBGE, 2020). O IBGE destaca que:

No Brasil, o analfabetismo está diretamente associado à idade. Quanto mais velho o grupo populacional, maior a proporção de analfabetos. Em 2019, eram quase 6 milhões de analfabetos com 60 anos ou mais, o que equivale a uma taxa de analfabetismo de 18,0% para esse grupo etário. Ao incluir, gradualmente, os grupos etários mais novos, observa-se queda no analfabetismo: para 11,1% entre as pessoas com 40 anos ou mais, 7,9% entre aquelas com 25 anos ou mais e 6,6% entre a população de 15 anos ou mais. Esses resultados indicam que as gerações mais novas estão tendo um maior acesso à educação e sendo alfabetizadas ainda enquanto crianças. Por outro lado, os analfabetos continuam concentrados entre os mais velhos e mudanças na taxa de analfabetismo para esse grupo se dão, em grande parte, devido às questões demográficas como, por exemplo, o envelhecimento da população (IBGE, 2020, p.02).

Nesse sentido, Ribeiro (2015) nos mostra que a região do Extremo Sul da Bahia “possui mais de 20% da população adulta e idosa não alfabetizada nas áreas de Reforma Agrária. Este percentual soma-se ao vergonhoso dado brasileiro que aponta mais de 13 milhões de jovens e adultos excluídos da alfabetização” (RIBEIRO, 2015, p. 01).

Tendo consciência dessa realidade desigual, o Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais Sem Terra, desde a fundação de sua primeira escola, há 35 anos, criou mais de 2 mil escolas públicas, alfabetizou mais de 200 mil pessoas e estendeu suas ações educacionais para a cidade (MST, 2020). E, baseados na concepção de Paulo Freire de que a alfabetização “não pode se fazer de cima para baixo, nem de fora para dentro, como uma doação ou uma exposição, mas de dentro para fora pelo próprio analfabeto, somente ajudado pelo educador” (FREIRE, 1979, p. 72), o MST, no ano de 2015, colocou em prática em seus assentamentos e acampamentos o Projeto *Sim, eu posso*, buscando reverter essa situação. Ribeiro destaca que:

Diante deste cenário de negação histórica, o MST, desde sua fundação, entende que para construir territórios dignos e igualitários, o analfabetismo é uma das primeiras barreiras a serem superadas

[...] enfrenta-se muitas dificuldades de investimentos públicos com essa questão. Existem muitos programas ineficazes que não conseguem alterar o retrato do analfabetismo. Por isso em muitos espaços do Movimento contamos com a ajuda internacional de Cuba, que se solidariza com nosso país ao disponibilizar o método de alfabetização ‘Sim eu Posso’, que conseguiu erradicar o analfabetismo (RIBEIRO, 2015, p. 01).

Em janeiro de 2015, no II Encontro Nacional de Educadores e Educadoras da Reforma Agrária (ENERA), o MST apresentou mais uma experiência educacional, visando a erradicação do analfabetismo nas áreas de seus acampamentos e assentamentos. “‘Sim, eu posso ler e escrever. Esta é uma conquista do MST’ foi o lema do projeto que, em meio à luta contra as empresas de celulose, propôs avançar na formação humana com um método que contextualiza a realidade vivida no campo” (MST, 2015a, p. 01)⁵.

Buscaremos agora compreender o funcionamento do método cubano de alfabetização de jovens e adultos *Yo, sí puedo* que inspirou o Projeto do MST; conhecer o contexto histórico em que se deu sua criação, quais as metodologias utilizadas e quais as etapas e estratégias de execução prática deste método.

O método cubano *Yo, sí puedo*

Após a Revolução Cubana de 1959, os revolucionários, com a percepção da importância da educação, realizaram diversas mudanças no setor educacional cubano. Para o novo governo revolucionário superar as desigualdades de acesso à educação era premissa básica para uma transformação verdadeira da realidade encontrada em Cuba. Diversas escolas foram criadas, as escolas privadas foram nacionalizadas e buscou-se garantir o acesso à educação gratuita e de qualidade para toda a população cubana (POROLONICZAK, 2019).

Segundo Pérez-Cruz (2011), apenas um mês após o triunfo da Revolução Cubana, em 17 de fevereiro de 1959, se iniciou o Plano Urgente de Alfabetização de Cuba. Nesse plano, houve uma mobilização plena de recursos humanos e, em 5 de março do mesmo ano, se criou a Comissão Nacional de Alfabetização e Educação

⁵ O curso, realizado em três etapas, é uma iniciativa da Escola Popular em parceria com o Instituto de Pesquisas e Estudos Florestais (IPEF), com o Laboratório de Educação e Política Ambiental (OCA) e com o Núcleo de Apoio às Atividades Cultural e Extensão Universitária em Educação e Conservação Ambiental (NACE-PTECA) da Escola Superior Luiz de Queiroz da Universidade de São Paulo (Esalq – USP) (MST, 2015a).

Funcional, liderada pelo educador Raúl Fernández Ceballos (PÉREZ-CRUZ, 2011). O autor ainda salienta que:

O caminho que seguia a revolução para derrotar o analfabetismo seria o de erradicar, primeiro, as causas de seu surgimento como problema social. Para isso, se trabalhou desde o primeiro dia com o propósito de conquistar a plena escolarização de crianças e jovens nos primeiros anos, e nesse propósito, criar as aulas de ensino primário indispensáveis, e reorganizar e fortalecer o Ensino Médio, com prioridade para os institutos tecnológicos. Depois, no terceiro ano, acometer a batalha definitiva contra o analfabetismo da população adulta (Tradução nossa) (PÉREZ-CRUZ, 2011, p. 12-13).

E o autor destaca ainda que “o propósito de manter o país livre do analfabetismo, lutar contra o analfabetismo residual e elevar, cada vez mais, o nível educacional e cultural das mais amplas massas populares, se tornou uma das essências do socialismo cubano” (PÉREZ-CRUZ, 2011, p. 22).

Corrobora nesse sentido Poroloniczak:

Os revolucionários cubanos que chegaram ao poder em 1959 tinham a compreensão que a transformação da sociedade somente ocorreria com uma reforma geral do ensino/educação, garantindo o caráter integral, laico, democrático e gratuito, tendo como premissa o acesso de todos os cidadãos aos processos educativos, especialmente aqueles que ao longo da história haviam sido excluídos, os analfabetos jovens e adultos (POROLONICZAK, 2019, p. 54).

No início do século XXI, o Projeto *Yo, sí puedo* foi criado, visando alfabetizar os jovens e adultos que não tiveram acesso à educação na infância e juventude pelos mais diversos motivos. Conforme o site da ECURED (Enciclopédia Online Cubana⁶), no ano de 2001, por sugestão do Presidente Cubano Fidel Castro Ruz, se começou a trabalhar em uma cartilha que combinava números e letras para ensinar a ler e a escrever a pessoas adultas, mediante a utilização de recursos audiovisuais (ECURED, [s.d.]).

Esta tarefa foi delegada à Doutora em Ciências Pedagógicas Leonela Relys Díaz, que já havia participado da experiência histórica da campanha de alfabetização em Cuba em 1961. Segundo o site da ECURED:

Os antecedentes do programa “Yo, si Puedo” estão nos trabalhos desenvolvidos pela doutora em Ciências Pedagógicas Leonela Relys Díaz, juntamente com outros educadores cubanos da República do

⁶ https://www.ecured.cu/EcuRed:Enciclopedia_cubana.

Haiti, que desenvolveram uma campanha de alfabetização radiofônica. O programa nasceu em 28 de março de 2001, quando o governo de Cuba confiou a Leonela a obra de criar uma cartilha de alfabetização de não mais que cinco páginas combinando letras e números. Essa tarefa foi concluída em um mês e o desenho da estratégia de televisão começou imediatamente. Em 2002, as cartilhas e roteiros das aulas televisionadas já estavam sendo finalizados. O programa foi concebido com um caráter internacionalista, especialmente latino-americanista, preparado para ser adaptado a diferentes realidades sociais e linguagens (ECURED, [s.d.], p. 01. Tradução nossa).

Segundo Sudré (2020), por possuir um caráter internacionalista, “o método já alfabetizou mais de 3,5 milhões de pessoas em países como Bolívia, Venezuela, Argentina, México, Equador, Nicarágua e Colômbia. O projeto foi adotado em lugares como Nova Zelândia, Espanha e países da África” (SUDRÉ, 2020, p. 01).

O método de alfabetização cubano, segundo Poroloniczak (2019) busca atingir a dimensão social do analfabetismo, visando permitir que os participantes “aprendam a ler e a escrever os códigos linguísticos necessários para que possam acessar a educação básica e, também, sejam capazes de compreender o contexto em que vivem e contribuir com sua transformação” (POROLONICZAK, 2019, p. 73).

Poroloniczak (2019) explica que o nome do programa de alfabetização “é um título curto que gera esperança e otimismo, ajuda a elevação da autoestima e a confiança em si mesmo e na capacidade de aprender a ler e escrever” (POROLONICZAK, 2019, p. 73). Para a autora, ““Yo”, “Eu”, é a identidade, reconhecer-se, os sentimentos, as possibilidades, as dúvidas, a responsabilidade pessoal pelo aprendizado”, afirmando ainda que “a vírgula colocada após o Yo, eu, pronome pessoal, tem um caráter enfático e está localizada para dar uma pausa intencional, dirigida especialmente aos analfabetos participantes como uma afirmação da consciência individual” (POROLONICZAK, 2019, p. 73). Poroloniczak ainda destaca que:

“Sí”, “Sim”, é afirmativo, positivo e otimista. O que se pode conseguir fazer, contribui para diminuir a culpa a frustração e o medo perante o novo. Vontade de atingir a meta, disposição em cumprir a tarefa de aprender a ler e a escrever. “Puedo”, “Posso”, é a vontade e o poder de transformar o medo de não aprender a ler e escrever em algo possível, se inserir no processo de dominar o mundo da leitura e da escrita (POROLONICZAK, 2019, p. 73).

Metodologicamente, o programa de alfabetização cubano se utiliza de meios audiovisuais, com o intuito de otimizar recursos financeiros, recursos humanos e materiais, visando ampliar o alcance e chegar a todos os interessados e interessadas em participar dessa experiência. Segundo Poroloniczak (2019) “o método “Yo, sí puedo” utiliza os números para facilitar o processo de aprendizagem da leitura e escrita, associa os números com as letras e parte do conhecido para alcançar o desconhecido” (POROLONICZAK, 2019, p. 71). A autora ainda destaca que outra característica importante do método é a rotina de trabalho durante as aulas, que é dividida em 3 momentos, sendo eles: 5 minutos de motivação, 30 minutos de videoaula e 30 minutos de comentários.

De acordo com Poroloniczak (2019) as etapas e as estratégias gerais para implementação do programa de alfabetização se constituem de: Etapa I: Exploração, esta etapa ocorre antes do início das aulas, onde são realizados os estudos das condições geográficas, econômicas, socioculturais e políticas, identificação da língua falada no local, da história da alfabetização no local, conhecimento dos meios de comunicação e das possibilidades de divulgação do projeto, características das famílias e da comunidade, nesta etapa ainda ocorre a mobilização das pessoas que irão trabalhar no projeto, criação e capacitação das comissões que farão as intervenções, convocação de reunião com autoridades locais e outras pessoas que podem auxiliar a aplicação do projeto; Etapa II: Experimentação, nesta etapa ocorre a elaboração dos manuais/cartilhas para os participantes e guias para os facilitadores, assim como a constituição das comissões responsáveis pelas diversas etapas do processo; Etapa III: Generalização: aqui é realizada a observação e a análise do projeto piloto e a consideração das condições para realizar a nova etapa com todo o sistema; e por fim, a Etapa IV: Processo de avaliação, onde os resultados são avaliados, bem como o impacto geral alcançado é medido.

Após essa organização experimental, ocorre a implementação propriamente dita do programa, que também tem uma série de etapas que precisam ser seguidas. Segundo Poroloniczak (2019) nesse momento se montam os pontos de encontro, se preparam as atividades docentes, se instrumentaliza o trabalho e se medem os impactos. Quanto ao método, Poroloniczak destaca que esse se divide em 3 etapas:

I - Adestramento ou Preparação com dez videoaulas, busca-se o desenvolvimento de habilidades psicomotoras, adestrar no sentido de praticar, treinar guiar, preparar para algo, expressão oral e o

estudo das vogais e dos números até trinta; II - ensino da leitura e escrita, 42 videoaulas em 20 vinte roteiros áudio visuais – do 11 (onze) ao 36 (trinta e seis) - trabalham-se as consoantes, incluindo o W, o K e Y. Nos roteiros de nº 37 aos 59, portanto de 19 videoaulas, dedica-se o estudo dos dígrafos, dos encontros consonantais, cedilha e do til. III – consolidação: treze tele aulas (POROLONICZAK, 2019, p. 75).

Essas videoaulas são a base para que os estudantes alcancem o conhecimento e em relação a sua estrutura interna, “tem um caráter global e transita por três momentos: a introdução da ideia ou frase cujo significado propicia o debate e a reflexão é portadora da palavra-chave com a letra do objeto de estudo identificada sempre com um número (POROLONICZAK, 2019, p. 76-77).

As videoaulas são divididas nas seguintes etapas:

Quadro 1: Etapas da videoaula

1- A Professora convida o participante a abrir a página da cartilha correspondente a um determinado número;
2- Orienta o participante a localizar na parte superior da cartilha o número que aparece ao lado da letra que se estudará;
3- Posteriormente, a Professora que aparece no vídeo diz o nome da letra e pergunta o que representa a figura que se encontra abaixo;
4- Os participantes alfabetizando reconhecem a figura e dizem seu nome;
5- Então a Professora lê o que está escrito abaixo da figura;
6- Conversa sobre o significado dessa imagem visando desenvolver a oralidade. Assim, os alfabetizando se sentem valorizados, pois seus conhecimentos são levados em consideração e isso é bastante significativo para eles;
7- Depois a Professora escreve uma ideia no quadro e um dos participantes aponta as letras que já foram estudadas;
8- Na realização do exercício anterior, os participantes demonstram que estão em condições de ler parte da ideia apresentada;
9- Agora a palavra-chave é retirada e nessa palavra se encontra a letra que ainda não foi estudada;
10- A palavra é lida e realiza-se a divisão silábica. Em seguida, a professora do vídeo faz a leitura com todos os participantes;
11- Com as vogais conhecidas, se forma as sílabas
12- Os participantes vão produzindo palavras onde se encontra essas sílabas, primeiro de forma oral e depois escrita;
13- De imediato, são trabalhados grupos silábicos, mas inversos. Depois da leitura desses grupos, os participantes falam palavras onde aparecem essas sílabas;
14- Após cumprir os passos anteriores estaremos em condições de demonstrar como se escreve a letra objeto de estudo. Primeiro, a Professora fará exercícios no ar como uma mudança de atividade e, também, para contribuir com o desenvolvimento da motricidade. Este passo pode ser intercalado na medida em que se desenvolve o ritmo do trabalho, demonstrando como se faz;
15- No final, se escreve a letra objeto de estudo e seu número e é solicitado aos participantes que falem oralmente novas palavras. Serão escritas somente aquelas em que apareçam as letras estudadas.

Fonte: (POROLONICZAK, 2019, p. 76-78).

No encaminhamento metodológico das videoaulas, Poroloniczak (2019) afirma que, na divisão do trabalho, existem três dimensões complementares e organizativas, sendo elas:

1) treinamento ou preparação; 2) Ensino da leitura e da escrita; 3) Consolidação. As primeiras cinco aulas da dimensão do treinamento e preparação são para familiarização e desenvolvimento das habilidades psicomotoras e a representação gráfica dos números de 0 a 30. Estas cinco aulas são perpassadas por eixos temáticos dirigidos à apropriação de hábitos necessários para estudo, bem como reforça a ideia da prática constante e do esforço coletivo e especialmente individual [...] Nas próximas cinco aulas, em continuidade à dimensão de treinamento ou preparação, se estuda cada dia uma vogal (a, e, i, o, u). A dimensão do ensino da leitura e da escrita é composta por quarenta e duas aulas, sendo que em vinte e três delas se aprende cada dia uma letra ou fonema novo [...] E, nas dezenove videoaulas restantes, ocorre a introdução das dificuldades que se apresentam no idioma [...] As aulas da dimensão de ensino da leitura e da escrita, são continuidade de todo o processo descrito anteriormente [...] As duas aulas finais são para escrever uma breve redação [...] As três últimas aulas servem para exercitar a realização do exame final (a carta) (POROLONICZAK, 2019, p. 79-80).

Cabe ressaltar que na prova final, os alfabetizados “demostrarão que aprenderam a ler e a escrever seus nomes e sobrenomes, a ler com certa fluidez, e ainda são capazes de redigir orações, mensagens simples e até cartas” (POROLONICZAK, 2019, p. 82). A avaliação “é um processo sistemático que começa desde o primeiro dia até o último, em distintas formas, para saber se houve uma aprendizagem efetiva. Os participantes são classificados da seguinte forma: progrediu (P) e não progrediu (N. P)” (POROLONICZAK, 2019, p. 82).

Segundo o site da ECURED:

O Programa “Sim, Eu Posso” foi utilizado com sucesso em quase trinta nações, incluindo Venezuela e Bolívia, declaradas livres deste flagelo em 2005 e 2008, respectivamente, com o conselho de Cuba, que em solidariedade transmite sua experiência na educação a vários países. Entre os países que o utilizam estão Argentina, Venezuela, México, Equador, Bolívia, Nicarágua e Colômbia. Com a aplicação desse sistema de ensino, uma pessoa poderia ser alfabetizada em 7 semanas e esse mal seria erradicado da terra com apenas um terço do fundo da UNESCO para esses fins. Em muitos países, é realizado por organizações religiosas e ONGs. Na Venezuela, onde houve vontade política e financeira e uma participação ativa e entusiasta dos beneficiários, foi possível alfabetizar um milhão de pessoas em cinco meses e 27 dias nas 34 línguas e etnias existentes no país. Com isso, a Venezuela foi

declarada *território livre de analfabetismo* e incentivada a continuar os estudos a todos que assim o desejassem. Acontece que existem pessoas com mais de 100 anos que se alfabetizaram com este método [...] Na África é usado na Nigéria, Guiné Bissau, Moçambique, Angola e África do sul. Para isso, são feitas as modificações necessárias para adaptá-lo às línguas dos países que o vão autorizar, bem como às suas condições históricas, geográficas e sociais (ECURED, [s.d.], p. 02).

O site ainda destaca que o programa *Yo, Sí puedo*:

Também está sendo utilizado na Nova Zelândia e na cidade de Sevilha como a primeira experiência do programa na Europa, onde se estima que existam pelo menos 35 mil analfabetos. Este programa recebeu o Prêmio de Alfabetização Rei Sejong 2006 da UNESCO, concedido ao IPLAC (Instituto Pedagógico Latinoamericano e do Caribe de Cuba) pela promoção do sistema de alfabetização aplicado com sucesso nos países mencionados acima (ECURED, [s.d.], p. 02).

E é no método de alfabetização cubano acima descrito que o MST se inspirou para implementar em seus acampamentos e assentamentos o Projeto de Alfabetização de Jovens e Adultos *Sim, eu posso*.

Sim, eu posso: a caminhada do MST

Inspirado no método de alfabetização cubano *Yo, sí puedo*, o MST implementou em seus acampamentos e assentamentos o Projeto de Alfabetização de Jovens e Adultos *Sim, eu posso*. Desde 2015, o Projeto vem se expandindo e tem alcançado cada vez mais regiões do país. Segundo o MST “o projeto é inspirado no método cubano de alfabetização e se organiza a partir de tele aulas mediadas por um educador que auxiliará no processo educativo, propondo alfabetizar em três meses” (MST, 2015, p. 01). Além da inspiração do método cubano, o MST demonstra assim seguir os passos de Paulo Freire, no sentido de que

enquanto ato de conhecimento e ato criador, o processo da alfabetização tem, no alfabetizando, o seu sujeito. O fato de ele necessitar da ajuda do educador, como ocorre em qualquer relação pedagógica, não significa dever a ajuda do educador anular a sua criatividade e a sua responsabilidade na construção de sua linguagem escrita e na leitura desta linguagem [...] A alfabetização é a criação ou a montagem da expressão escrita da expressão oral. Esta montagem não pode ser feita pelo educador para ou sobre o alfabetizando. Aí tem ele um momento de sua tarefa criadora (FREIRE, 1989, p. 13).

Assim, a alfabetização precisa ocorrer levando em conta a dívida histórica com os analfabetos, posto que o MST (2015) compreende que o analfabetismo é uma condição causada pelas estruturas sociais e não fracasso pessoal ou individual; sendo assim, o Movimento assume esse compromisso histórico de reconstruir as histórias das pessoas que não tiveram seu direito à educação respeitado nas idades consideradas “certas”.

Segundo Poroloniczak (2019) “para o início da implementação no Brasil, metodólogos cubanos vieram ao país para promover formação com os quadros de alfabetizadores do MST e, inicialmente, houve a priorização pela aplicação do método nos assentamentos e acampamentos do MST” (POROLONICZAK, 2019, p. 92). Segundo Tiepolo:

O Brasil foi o primeiro país em que o SEP foi adaptado para outro idioma. A sua entrada foi favorecida pelo protocolo internacional de cooperação com Cuba, realizado pelo Governo Federal, em 2005. Em 2006, o Movimento decidiu fazer uma experiência piloto no Maranhão, Sergipe, Ceará, Pará, Pernambuco, Piauí, Paraná e Bahia. Em 2008, adotou o SEP na Campanha Nacional de Alfabetização, especialmente nos estados da Região Nordeste. O material, de baixo custo, é composto por uma cartilha e 65 videoaulas, para ser trabalhado em cinco dias da semana, com uma hora e trinta minutos para cada encontro, em um período de três meses (TIEPOLO, 2019, p. 09).

O foco de realização do Projeto se deu na região Nordeste do Brasil, região que compreende os estados de Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Piauí, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Sergipe. A região, por sua geografia, clima, vegetação e hidrografia, é uma das regiões com maior dificuldade no país. Segundo Sousa *et.al.*:

A seca é um fenômeno natural, econômico e social de grande complexidade, [...] constante na evolução do Nordeste nas sub-regiões do Sertão e do Agreste nordestino estando sujeitas às secas periódicas, com a predominância do clima Semiárido devido a sua própria localização geoclimática, que acaba comprometendo a produção econômica da região, cuja base está centrada na agricultura e pecuária, quando se prolonga por períodos iguais ou superiores há um ano, representa uma verdadeira catástrofe, uma vez que secam os reservatórios, morrem as plantações, devastando rebanhos e levando a migração de seus habitantes, em busca de sobrevivência. Sendo a estiagem um problema climático, que se manifesta economicamente, deixando os pequenos produtores em estado de penúria. (SOUSA *et.al.*, 2017, p. 43).

Além dos problemas geoclimáticos, a região Nordeste ainda carrega consigo números na casa dos milhões de pessoas não alfabetizadas. Observando essas características, a primeira experiência concreta do Projeto de Alfabetização de Jovens e Adultos *Sim, eu Posso*, do MST, foi realizada no ano de 2015, no Assentamento Bela Manhã, localizado no município de Teixeira de Freitas, na região do extremo sul da Bahia. O objetivo era “zerar o analfabetismo em sete áreas de Reforma Agrária até o final do mês de março” (MST, 2015, p. 01). Essas aulas contaram com a presença de 17 educadores, quatro coordenadores pedagógicos que conduziram o projeto, 17 turmas e 180 educandos assentados e acampados (MST, 2015). E os resultados foram satisfatórios, conseguindo alfabetizar 98% dos educandos e educandas. O Coletivo de Educação do MST da Bahia, afirma que “em 2015, foram realizadas as formaturas de 186 jovens, adultos e idosos, que em três meses aprenderam a ler e escrever” (MST, 2017b, p. 01)

No ano seguinte, em 2016, foi a vez do Estado do Maranhão conhecer e vivenciar a experiência do Projeto. Segundo Guedes (2016) o estado do Maranhão tinha um índice de analfabetismo de 19,31%. Somente nos dados relacionados ao campo, o percentual era de 40,3%, o mais alto do país. 72,2% destes tinha menos de um ano de estudo. Posto isso, o MST percebeu a necessidade de levar o Projeto *Sim, eu posso* para mais esse Estado. De acordo com Guedes (2016) inicialmente a jornada foi desenvolvida em oito municípios, entre os 30 com menor Índice de Desenvolvimento Humano - IDH do estado. A meta era alfabetizar, nesses municípios, mais de 14 mil pessoas com idade igual ou superior a 15 anos.

Em 2017, o MST criou a Brigada Nacional de Alfabetização, composta de 12 educadoras e educadores dos Estados do Ceará, Pernambuco e Rio Grande do Norte, para acompanhar a execução do Projeto e formar novos educadores e educadoras para dar continuidade ao Projeto. “A brigada nacional foi criada com o objetivo de formar educadores populares para atuarem em seus respectivos estados numa campanha que pretende zerar o analfabetismo em todas as áreas do MST” (MST, 2017, p. 01). Nesse mesmo ano o MST realizou a segunda etapa do Projeto no Estado do Maranhão. Segundo o MST:

É com resistência, compromisso e diálogo, que o MST no Maranhão estende a sua solidariedade matriculando 18.200 (dezoito mil e duzentas) pessoas em 15 das 30 cidades mais pobres do Estado. O número representa 90% do previsto para a meta de matrículas. Com

80 militantes, vindo de todas as regiões do Brasil, o movimento vivenciou todas as dificuldades, pelas quais passam parte da população pobre do estado e concluiu a etapa de mobilização da segunda fase da Jornada de Alfabetização no Maranhão “Sim, eu posso!”. Dos 15 municípios atingidos pelo programa, 11 podem ter o analfabetismo superado, ou seja, reduzidos a pelo menos 4% o número de analfabetos, uma meta a qual a ONU declara que o país precisa ter para erradicar o analfabetismo. Dos 11 municípios aptos à superação, quatro estão recebendo pela primeira vez o programa “Sim, eu posso!” (MST, 2017a, p.01).

Em 2018, segundo Azevedo (2018), o Projeto de Alfabetização de Jovens e Adultos *Sim, eu posso* chegou a Minas Gerais. Azevedo afirma que:

O método de alfabetização “Sim, eu posso!” começou a fase de mobilização em fevereiro deste ano (2018) em Minas Gerais. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), mais de um milhão de pessoas acima dos 15 anos de idade não sabem ler e escrever no estado. Ou seja, 6% da população mineira é analfabeta. Vale ressaltar que esse número é ainda maior entre as mulheres, a população negra e a população que mora no campo, isso sem mencionar o número de pessoas que sequer participam das pesquisas e que, portanto, estão fora das estatísticas (Azevedo, 2018, p. 01).

Em 2019, o MST realizou na cidade de Curitiba, no Estado do Paraná o Curso de Formação de Formadores no Método *Sim, eu posso*. O Curso ocorreu no Estado que teve crescimento de 13,47% do analfabetismo entre 2016 e 2018, e está na contramão dos índices nacionais (MST, 2019). Segundo o MST:

O curso durou cinco dias e reuniu cerca de 30 pessoas, em sua maioria mulheres, de diferentes regiões do Paraná, vindas de assentamentos, acampamentos e também de Curitiba. O objetivo do MST com a formação é fortalecer as iniciativas locais na Educação de Jovens e Adultos (EJA), para avançar na alfabetização de camponesas e camponeses, e também de moradores das periferias urbanas (MST, 2019, p. 01).

Percebemos aqui um novo público para participação no Projeto, moradores das periferias urbanas. Após o MST assumir o *Sim, eu posso* como parte das brigadas de alfabetização, mais de 50 mil pessoas já foram alfabetizadas em comunidades da reforma agrária, de assentamentos e acampamentos (MST, 2019). Agora o Movimento entende que chegou a vez de ampliar essa experiência para além do campo, ampliando o acesso à educação de jovens e adultos para as áreas periféricas urbanas. De acordo com o MST (2020), em solidariedade, o Movimento expandiu o Projeto *Sim, eu posso* para as áreas urbanas. “Com sua política

educacional consolidada e em constante evolução nos acampamentos, o MST estendeu sua área de atuação e implementou programas para áreas urbanas periféricas, como o *Sim, eu posso*” (MST, 2020, p. 01). E assim o MST vem ampliando a abrangência do Projeto para diversas localidades, no campo e na cidade.

O MST (2020) afirma que, em 2020, o *Sim, Eu Posso* iniciaria suas atividades na área urbana maranhense, implementando o Projeto nas periferias das grandes cidades do Maranhão: São Luís e região metropolitana, Imperatriz e Açailândia. “Porém, a pandemia de Covid-19 obrigou o movimento a suspender o projeto, e as atividades devem ser retomadas quando a pandemia acabar” (MST, 2020, p. 01).

Após a etapa do *Sim, eu posso*, há o reforço dos conhecimentos de leitura e escrita através dos *Círculos de Cultura*, método proposto por Paulo Freire na década de 1960, que:

além de valorizarem os saberes tradicionais, têm uma estrutura que coloca todas as pessoas em igualdade, deslocando a percepção de que há quem ensine e quem aprenda, e proporcionando uma troca de conhecimentos e um diálogo sobre percepções de mundo e reforçando os aprendizados do método *Sim, eu posso!*” (AZEVEDO, 2018, p. 01).

E é a partir da realidade dos educandos e educandas que o Projeto vem obtendo resultados cada vez mais positivos na alfabetização de jovens e adultos, como nos mostram os dados do MST. Já na primeira experiência realizada, no ano de 2015, segundo o MST:

O projeto foi executado no extremo sul da Bahia e conseguiu alfabetizar 203 trabalhadores dos Assentamentos Jaci Rocha, Antônio Araújo, Bela Manhã, Herdeiros da Terra, José Martí e Abril Vermelho. As atividades tiveram início no dia 9 de janeiro de 2015, com aula inaugural que reuniu todas as turmas de alfabetização do projeto, e foi encerrado com uma festa de formatura no dia 9 de maio. Ao final, 98% dos estudantes aprenderam a ler e escrever (MST, 2015a, p. 01).

Após essa primeira experiência, obtendo resultados positivos, o MST seguiu implementando o projeto em diversas regiões do Brasil. Nas palavras de Poroloniczak (2019) o *Sim, eu posso* transformou a vida de muitos trabalhadores do campo e da cidade, por meio da alfabetização, alcançando a marca de mais de 50

mil pessoas alfabetizadas em comunidades da reforma agrária, de assentamentos e acampamentos (MST, 2019). Uma vitória da educação, certamente.

Considerações finais

Este estudo proporcionou, não apenas o conhecimento de um método de alfabetização, mas uma reflexão acerca dos muitos problemas que o Brasil ainda enfrenta no campo educacional, e no que diz respeito à educação e alfabetização de jovens e adultos. Podemos perceber na construção desse artigo a efetividade do método cubano de alfabetização *Yo, sí puedo*, sua capacidade de expandir-se e migrar pelos vários pontos do globo que se encontram ainda com índices de analfabetismo da população jovem e adulta. Analisando os resultados alcançados pelo programa nos diversos países em que foi implementado, podemos concluir que as possibilidades e a viabilidade de seu sucesso ao alcançar os objetivos a que se propõe demonstram ser esse um método de grande relevância no combate ao analfabetismo e na luta pela educação internacionalmente.

Este artigo teve como objetivo compreender de que forma o Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais Sem Terra -MST implementou o Projeto de Educação de Jovens e Adultos *Sim, eu posso* na região Nordeste do Brasil. Após uma breve contextualização do analfabetismo no Brasil e a realidade da população camponesa com relação à educação, podemos apreender dessa nossa caminhada na busca de conhecer um pouco mais sobre o Projeto de Alfabetização de Jovens e Adultos *Sim, eu posso*, do MST, que, assim como a educação dos Sem Terrinhas, o Movimento demonstra grande preocupação com a alfabetização dos jovens e adultos de seus acampamentos e assentamentos, obtendo resultados positivos, com mais de 50 mil pessoas alfabetizadas em 5 anos de execução do Projeto (2015-2020).

Assim como as Escolas Itinerantes, o Projeto de Alfabetização de Jovens e Adultos *Sim, eu posso*, criado pelo MST inspirado no método de alfabetização cubano *Yo, sí puedo*, vem trazendo resultados satisfatórios alcançando, inclusive, a erradicação do analfabetismo em diversas áreas de assentamentos e acampamentos do MST. Levando essa experiência educativa, agora, para as áreas periféricas urbanas, ampliando o Projeto e permitindo que o sonho da leitura e da

escrita possa se tornar realidade também para a população das áreas urbanas. Nesse sentido, Araújo (2020) afirma que a educação de jovens e adultos (EJA) é um desafio para o MST desde os primeiros acampamentos e assentamentos. Com isto, notamos que para além de uma preocupação, esse desafio se faz prática no Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais Sem Terra.

Milhares de escolas construídas, milhares de pessoas alfabetizadas e muitos sonhos de superar o analfabetismo realizados. Ano a ano o MST amplia a implementação do Projeto *Sim, eu posso* para mais Estados Brasileiros e para além do campo. Ano a ano o MST forma novos educadores e educadoras para seguirem trilhando a caminhada rumo à erradicação do analfabetismo em seus acampamentos e assentamentos, demonstrando ainda imensa solidariedade ao levar esse Projeto também para as áreas periféricas urbanas. Ano a ano o MST vem contribuindo para a educação do Brasil, levando acesso à alfabetização e escolas para milhares de pessoas e reduzindo os índices de analfabetismo no país.

Cabe ressaltar ainda que o Projeto *Sim, eu posso* vai além da alfabetização, permitindo que os participantes conquistem autonomia e dignidade ao se tornarem detentores do saber da leitura e da escrita. Ribeiro (2015, p. 01), que acompanhou essa experiência do MST, nos diz que “durante a aula foi possível perceber as distintas histórias de vida que se cruzam entre esses sujeitos, já que tiveram seus direitos primordiais negados, como o acesso à terra e à educação”. E assim, histórias de vida vão sendo transformadas e aquilo que parecia distante se aproxima e se torna realidade, possibilitando que cada participante do Projeto de Alfabetização de Jovens e Adultos do MST, conclua seu processo de ensino-aprendizagem com a firmeza de dizer: *Sim, eu posso!*

Referências

ARAÚJO, Jamile. **Brigada Nise da Silveira e a experiência do Sim, eu posso em Alagoas**. 2020. Disponível em << <https://mst.org.br/2020/12/16/brigada-nise-da-silveira-e-a-experiencia-do-sim-eu-posso-em-alagoas/>>>. Acesso em 18 de janeiro de 2021.

AZEVEDO, Agatha. **Brigada mineira de alfabetização cumpre 1ª etapa**. 2018. Disponível em << <https://mst.org.br/2018/09/20/brigada-mineira-de-alfabetizacao-cumpre-1a-etapa/>>>. Acesso em 18 de janeiro de 2021.

BERNARDI, Elisete Enir e DUARTE, Cláudia Glavan. Da invisibilidade as políticas públicas de formações de professores para as escolas no/do campo. **Trajatória Multicursos** - volume 7, número 1, ano 2016, junho/julho/agosto. P. 61 a 73.

ECURED. **Programa Cubano de Alfabetización Yo Sí Puedo**. [s.d.]. Disponível em:

<<https://www.ecured.cu/Programa_cubano_de_Alfabetizaci%C3%B3n_Yo_S%C3%AD_Puedo>> . Acesso em 05 de setembro de 2021.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se complementam. 23.ed. São Paulo. Autores associados: Cortez, 1989.

_____. **Educação como prática da liberdade**. 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GUEDES, Elitiel. **MST abre Jornada de Alfabetização no Maranhão**. 2016. Disponível em <<<https://mst.org.br/2016/05/31/mst-abre-jornada-de-alfabetizacao-no-maranhao/>>>. Acesso em 18 de janeiro de 2021.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**. 2020. Disponível em << https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101736_informativo.pdf>>. Acesso em 18 de janeiro de 2021.

MST. **Projeto propõe erradicar o analfabetismo em áreas do MST na Bahia**. 2015. Disponível em << <https://mst.org.br/2015/01/09/projeto-propoe-erradicar-o-analfabetismo-em-areas-do-mst-na-bahia/>>>. Acesso em 18 de janeiro de 2021.

_____. **Experiências mostram que a educação do campo e a luta pela Reforma Agrária caminham juntas**. 2015a. Disponível em <<<https://mst.org.br/2015/09/24/experiencias-mostram-que-a-educacao-do-campo-e-a-luta-pela-reforma-agraria-caminham-juntas/>>>. Acesso em 18 de janeiro de 2021.

_____. **Método cubano pretende zerar o analfabetismo em 11 áreas do MST**. 2017. Disponível em <<<https://mst.org.br/2017/01/23/metodo-cubano-pretende-zerar-o-analfabetismo-em-11-areas-do-mst/>>>. Acesso em 18 de janeiro de 2021.

_____. **Segunda fase da Jornada de Alfabetização no Maranhão já alcança mais de 18 mil educandos**. 2017a. Disponível em <<<https://mst.org.br/2017/08/09/segunda-fase-da-jornada-de-alfabetizacao-no-maranhao-ja-alcanca-mais-de-18-mil-educandos/>>>. Acesso em 18 de janeiro de 2021.

MST. **30 anos de enfrentamento ao analfabetismo**. 2017b. Disponível em << <https://mst.org.br/2017/09/06/30-anos-de-enfrentamento-ao-analfabetismo/>>>. Acesso em 18 de janeiro de 2021.

_____. **MST do Paraná realiza curso sobre método cubano de alfabetização de jovens e adultos**. 2019. Disponível em <<<https://mst.org.br/2019/09/15/mst-do-parana-realiza-curso-sobre-metodo-cubano-de-alfabetizacao-de-jovens-e-adultos/>>>. Acesso em 18 de janeiro de 2021.

____. **No Dia Nacional da Alfabetização, conheça a luta do MST pela erradicação do analfabetismo.** 2020. Disponível em <<<https://mst.org.br/2020/11/14/no-dia-nacional-da-alfabetizacao-conheca-a-luta-do-mst-pela-erradicacao-do-analfabetismo/>>>. Acesso em 18 de janeiro de 2021.

PALUDETO, Melina Casari. **As diretrizes programáticas e a política educacional do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).** Disponível em <<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=6308146>>. Acesso em 18 de janeiro de 2021.

POROLONICZAK, Juliana Aparecida. **História e fundamentos do método de alfabetização cubano “Yo,, sí puedo”.** 2019. 146f. Tese (Doutorado em Educação) UNESP – Araraquara. Disponível em <<https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNSP_5b794be6a181ca66b3a2aa0e4a1e8032>>. Acesso em 18 de janeiro de 2021.

RIBEIRO, Dionara. **Com método cubano, Sem Terra buscam erradicar analfabetismo no sul da Bahia.** 2015. Disponível em <<<https://mst.org.br/2015/01/12/com-metodo-cubano-sem-terra-buscam-erradicar-analfabetismo-no-sul-da-bahia/>>>. Acesso em 18 de janeiro de 2021.

SOUSA, Jacimone Delfino. *Et. al.* O desenvolvimento da região nordeste: uma abordagem econômica e ambiental. **Revista Brasileira de Gestão Ambiental** (Pombal - PB - Brasil), v. 11, n.01, p.42 - 48, jan-dez, 2017.

TIEPOLO, Elisiani Vitória. Paulo Freire e a alfabetização de jovens e adultos no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). **Revista Brasileira de Educação do Campo.** Tocantinópolis/Brasil v. 4: 2019. Disponível em <<<http://dx.doi.org/10.20873/uft.rbec.v4e5676>>>. Acesso em 18 de janeiro de 2021.

PÉREZ-CRUZ, Felipe de Jesús. La Campaña Nacional de Alfabetización en Cuba. **VARONA - Revista Científico-Metodológica**, n. 53, pp.10-23, julio-diciembre, 2011.